

## PEÇO DESCULPA POR SER PORTUGUÊS!?

Depois de Luís Figo ter sido considerado o 2º melhor jogador do ano pela FIFA; de o brilhantismo de Eusébio ter sido pouco reconhecido nas instâncias oficiais do futebol mundial; da “guerra aberta” desenvolvida pelo governo português em Nice, lutando pelos interesses dos países mais pequenos; tudo o que foi escrito e dito acerca destes temas, quer pelos órgãos de comunicação social, quer pelo cidadão comum, trouxe-nos três grandes ilações:

1º - Pequeninos ou não, fazemos frente aos maiores e, cada vez mais, os grandes são “obrigados” a reconhecer o nosso valor;

2º - Quando o nome de Portugal surge em lugares de topo, em confronto com interesses externos, uma onda de solidariedade envolve a maioria dos portugueses. Sendo esta tanto maior quanto mais sentimos a sombra da injustiça na avaliação das nossas pessoas ou quando existe uma avaliação do nosso potencial associada à dimensão do nosso território.

3º- Como país pequeno, temos que lutar contra poderosos *lobbies* internacionais. Se mesmo assim conseguimos os resultados que conseguimos, como seria se os *lobbies* não estivessem contra nós? Os portugueses que agora são segundos não seriam os primeiros? A nossa voz não seria mais facilmente ouvida na Europa e no Mundo?

Embora ser reconhecido seja importante, mais importante é a realidade dos factos, as competências manifestas, os resultados atingidos no terreno.

Para nós, Figo foi o melhor jogador do ano sem ter necessidade para isso de recorrer a competências de “boxing”; Eusébio foi um dos melhores jogadores do Século; o governo em Nice atingiu um excelente resultado negocial dentro do contexto existente.

Os últimos anos têm demonstrado que somos capazes de, pela competência, rigor e qualidade, colocar o nome de Portugal na boca do mundo.

Para passarmos do mérito do desempenho ao reconhecimento do mérito, temos que ser ainda melhores. Obriga-nos a ter ainda mais resultados do que aqueles que, com os *lobbies* a seu favor, ficam mais facilmente em primeiro. Aliás, este tem sido um factor de motivação para atingirmos o que desejamos. Questiona-se é: a que custo? Com que esforço? Será justo ter que ser muito melhor para se ser reconhecido? Como seria se não fosse português? Tenho que pedir desculpa por ser português?

Estas nossas ilações retiradas de acontecimentos do final do ano 2000, merecem, na nossa opinião, uma reflexão mais profunda no início deste novo milénio.

É demasiado fácil dizer que temos que permanentemente lutar contra *lobbies* poderosos devido à pequenez do nosso País. Parece não haver dúvida que eles existem, a questão está: para além de lutar contra eles que mais podemos fazer?

Como em tudo na vida, de pouco serve encontrar a justificação dos problemas, das dificuldades, do menor sucesso, no exterior, atribuindo a causalidade dos acontecimentos ao meio envolvente. Qualquer indivíduo, grupo, organização ou país, que procura o seu desenvolvimento na senda do sucesso, deve encarar as adversidades que se lhe deparam analisando o que pode modificar, alterar ou melhorar, no interior do seu sistema que lhe permita uma melhor resposta às dificuldades encontradas questionando até que ponto os resultados que obtém na relação com o exterior serão, ou não, uma consequência da forma como está a ser gerido o seu interior.

Ou seja, neste caso específico, até que ponto um menor reconhecimento das nossas pessoas em termos internacionais não é uma consequência da forma como elas são valorizadas no interior do País, pelos próprios portugueses?

A competitividade externa e respectivo reconhecimento, não pode ser avaliada pela genialidade de um António Damásio, de um Eusébio, Saramago, Luís Figo, Madredeus, Maria de Medeiros, Maria João Pires, ou em actos pontuais na luta de interesses de um governo ou instituições como aconteceu com Timor ou em Nice. Passa pelo reconhecimento do valor do potencial interno das pessoas em geral nas diversas actividades da vida em sociedade.

Para que a valorização externa aconteça é necessário primeiro que os nossos talentos sejam reconhecidos nos diversos sistemas que constituem a sociedade portuguesa.

Para além da formação cívica e cultural, de todo o sistema educacional de um País, nos dias de hoje, o tecido empresarial é, sem dúvida, um dos elementos mais importantes no desenvolvimento de uma cultura de valorização dos talentos e no seu impacto em termos socio-económicos.

Assim, na gestão das pessoas nas organizações portuguesas, como é que os nossos talentos são reconhecidos? Será que as nossas pessoas são devidamente valorizadas? Ou será que também no interior do nosso País se sobreavalia o que é estrangeiro?

Se nós próprios não incentivamos o talento português, se um dos mais importantes motores de toda a dinâmica societal que são as empresas e as restantes organizações menosprezarem o potencial do português, podemos exigir que os que são de fora o façam?

Julgamos que a este nível, embora com um impacto menos mediático, as coisas estão bem piores, podendo este ser um problema de fundo grave nos próximos anos.

De facto, a onda de solidariedade, de patriotismo e de valorização das nossas pessoas, na defesa das nossas personalidades ou instituições quando confrontados com interesses estrangeiros, nem sempre se vê tão claramente espelhada no dia-a-dia da gestão empresarial.

Existem ainda fogachos de uma cultura de que “o que é nacional não é bom” nomeadamente quando comparado com o que é escrito, desempenhado, criado, por um estrangeiro oriundo de um País com uma “imagem de marca forte”. Há vários casos de talento português cujo valor não foi reconhecido em Portugal e preterido a favor de *know how* estrangeiro, que só após conseguirem obter o merecido reconhecimento internacional conseguiram ter impacto em termos nacionais.

Por outro lado, há também muitos exemplos em que o mesmo conteúdo, tendo, ou não, a chancela de uma empresa estrangeira, gera uma atitude uma reacção crítica diferente como se só pelo facto de ter a etiqueta “*made in* fora de Portugal”, lhes desse mais qualidade e força de intervenção.

Ao que tudo indica os famigerados *lobbies* começam a ser desenvolvidos por nós portugueses. Estão nas nossas próprias cabeças ao aceitarmos e desenvolvermos uma cultura de menosprezo pelo nosso potencial. Depois criticamos, lamentamos que Luís Figo ficasse em segundo lugar, afirmando que se fosse francês teria de certeza ficado em primeiro. Mas Luís Figo é apenas uma pessoa que não obteve o justo reconhecimento internacional. A outros níveis e em outras áreas de actividade, há milhares de talentos que para além de nem sequer serem valorizados a nível nacional, pouco espaço lhes damos para o seu desenvolvimento.

Num mercado de trabalho aberto, na era do conhecimento, a gestão dos talentos nacionais torna-se imperiosa. Reter e desenvolver as pessoas talentosas é condição fundamental para conseguir massa crítica para a competitividade externa. Esta é uma realidade na gestão de uma empresa e não será diferente, ao nível macro, de um País.

Só retendo e desenvolvendo as suas pessoas, as empresas portuguesas conseguirão ser competitivas e ter o posicionamento como empregadores que lhes permita atrair quadros externos cujo valor intrínseco seja sinónimo de qualidade acrescida.

Não queremos passar imagem de chauvinismo ou de etnocentrismo. Como portugueses temos defeitos e qualidades. Os bons que sejam reconhecidos e os menos bons que sejam estimulados a lutar por ser melhores. O que não podemos é continuar internamente a discriminar o nosso valor e simultaneamente a exigir reconhecimento externo.

A Europa está aí. As condições de remuneração oferecidas pelas empresas nacionais são muito baixas quando comparadas com as de outros países. Se os talentos nacionais não forem retidos e desenvolvidos no nosso País, podemos brevemente assistir à migração do nosso talento para países que o valorizem e onde não tenham que “pedir desculpa por ser português”.

Paulo Balreira Guerra  
Partner da **forcerebrus**  
[paulo.b.guerra@forcerebrus.com](mailto:paulo.b.guerra@forcerebrus.com)